

## Práticas leitoras em *E-readers*: um estudo do tipo etnografia virtual

**Handherson Leylton Costa Damasceno<sup>a</sup>**

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

**Barbara Coelho Neves<sup>b</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3429-7522>

**Raphaelle Nascimento Silva<sup>c</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3429-7522>

**Resumo:** As tecnologias se configuram como marcas históricas e culturais das sociedades ao longo do seu processo de desenvolvimento e, quando apropriadas pela cultura, delineiam novos comportamentos, bem como os comportamentos leitores ocasionados pela imersão na cultura digital e na cultura da mobilidade, como se pode observar com a ascensão de leitores digitais ou *e-readers*. Nesse sentido, com o objetivo de compreender a constituição dos perfis dos sujeitos leitores e as práticas de leitura dos indivíduos que utilizam os leitores digitais como suportes de leitura, este trabalho foi realizado. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico e descritivo, materializado num estudo de caso com inspiração na etnografia virtual, onde as redes digitais se constituíram *locus* de construção dos dados. Discute as transformações oriundas da cultura digital e como isso reverbera nas práticas de leitores e no seu comportamento diante do livro. O estudo conclui que os *e-readers* potencializam as experiências de leitura tanto no que tange aos comportamentos leitores quanto ao consumo de livros digitais.

**Palavras-chave:** Práticas Leitoras. Cultura digital. Leitores digitais. *E-readers*. Etnografia.

**Abstract:** Technologies are configured as historical and cultural marks of societies throughout their development process and, when appropriated by culture, outline new behaviors, as well as reader behaviors caused by immersion in digital culture and in the culture of mobility, as can be seen with the rise of digital readers or e-readers. In this sense,

<sup>a</sup> Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE) - Campus Salgueiro - PE. Mestre em Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Pedagogia e em Licenciatura em Letras - Português. Atualmente cursa o Doutorado em Educação - FAGED/UFBA, desenvolvendo pesquisa sobre Formação do Leitor e Redes Sociais de Leitura. E-mail: [handerson@gmail.com](mailto:handerson@gmail.com)

<sup>b</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. Professora convidada do PPGCI-UFSCar e do PPGCI UFBA. Pós-doutora em Ciência da Informação (UNB), Doutora em Educação (FAGED-UFBA). Pesquisadora Líder do "Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital" LTI Digital/CNPq/UFBA. E-mail: [babi.coelho7@gmail.com](mailto:babi.coelho7@gmail.com)

<sup>c</sup> Doutoranda em Educação (FAGED/UFBA). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FAGED/UFBA). Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (2007) e especialização em Literaturas de Expressão em Língua Portuguesa pela Faculdade João Calvino (2009). Professora efetiva de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA). E-mail: [raphaelles@ufba.br](mailto:raphaelles@ufba.br)

the objective is to understand the constitution of the profiles of the subject readers and the reading practices of individuals who use digital readers as reading supports, this work was carried out. It is, therefore, a qualitative research, analytical and descriptive, materialized in a case study inspired by virtual ethnography, where digital networks were the locus of construction of data. It discusses the transformations arising from digital culture and how it reverberates in the practices of readers and in their behavior towards the book. The study concludes that e-readers enhance reading experiences both in terms of reader behaviors and the consumption of digital books.

**Keywords:** Reading. Digital culture. Digital readers. E-reader.

## 1 Introdução

Nas sociedades conectadas como a que presenciamos, repleta de informações visuais, gêneros variados e situações comunicacionais diversificadas, a leitura e a escrita se configuram como aptidões cada vez mais necessárias, e contribuem, para que os sujeitos se apropriem da cultura letrada, que ora se traveste tal qual um *godé* com nuances distintas. Nesse mosaico amalgamado, no qual despontam cores, movimentos, *memes*, *gifs*, *links*, sons e imagens, parece que tão somente a palavra escrita talvez não dê conta de espetacularizar a comunicação.

Urge haver bons escritores e também bons leitores, usuários proficientes da leitura e escrita, cuja importância não se constitui novidade, bem como é iminente a urgência nas pautas de discussões em palcos nos quais os atores educacionais se encontram. É preciso, pois, fomentar práticas de leitura e escrita na comunidade escolar, que reverberem para além do espaço geográfico das instituições escolares e contribuam para a formação de sujeitos mais éticos.

Importante, também, é atualizar o próprio sentido que ler e escrever assumem, portanto, considerando o tempo histórico em que estão inseridas as especificidades do leitor, os suportes de leitura e a cultura em questão. Assim, não basta somente ler, no sentido de decodificar palavras, mas compreender, interpretar e posicionar-se criticamente. Para esse trabalho defendemos a ideia de que as práticas da leitura e escrita no contexto atual abarcam toda uma profusão de construção de sentidos e significados possíveis, uma vez que são forjadas “[...] com a potência que comporta o discurso democrático em sua gênese”, conforme afirma Couto, et al (2009, p. 112) e que variam conforme o contato dos indivíduos com as formas de comunicação, a partir dos mais diversos suportes textuais e situações de comunicação em que se apresentem.

O trabalho em questão, pois, utiliza a Sociologia da Leitura, alicerçada no estudo de Horellou-Lafarge e Segré (2010) como lubrificante das engrenagens de análise tanto no que tange à leitura como elemento cultural – em que considera os gestos e suportes, bem como os comportamentos e situações leitoras –, quanto à leitura numa perspectiva distanciada dos preconceitos acerca dos títulos, autores, clássicos etc. Haja vista nosso interesse em não restringir a discussão do conceito de literatura, tampouco emitir juízo de valor sobre as trajetórias dos colaboradores dessa pesquisa.

Nesse sentido, nosso foco não está direcionado ou comprometido com “[...] a literatura que professores de literatura estão acostumados a ensinar. Não há teorias nas quais a academia possa se embasar. Nem cânones aceitos na hierarquia do saber institucionalizado” (VIGNA, 2011, p. 131). Isso é, estamos tomando a relação entre literatura e práticas leitoras na cultura digital compreendendo que a produção literária em questão é aquela que está sendo legitimada e, principalmente, lida pelos sujeitos que ocupam livre e variadamente papéis leitores. Interessamos, pois, conhecer os modos de ser leitor a partir das tecnologias móveis, especificamente com foco nos leitores digitais ou *e-readers* como suportes textuais.

Este artigo tem como objetivo geral compreender a constituição dos perfis dos sujeitos leitores, a partir das práticas de leitura dos indivíduos que utilizam os leitores digitais como suportes de leitura. Este artigo está dividido em três partes. A primeira apresenta uma discussão

sobre a cultura digital e as transformações sociais. A segunda parte apresenta o caminho metodológico e detalha a realização da pesquisa. E por último, a terceira parte apresenta os resultados do estudo e a discussão suscitada.

Assim, é nesse cenário – de ebulição das tecnologias digitais móveis e de efervescência da cultura digital - que essa pesquisa está circunscrita e pretendeu analisar a constituição do perfil leitor que se utiliza das tecnologias móveis, especificamente os leitores digitais (*e-readers*). Contudo, antes, uma discussão sobre o contexto social parece pertinente.

## **2 Cultura Digital e Transformações Sociais: subjetividades leitoras potencializadas pelas tecnologias móveis**

Os avanços e investimentos no campo tecnológico têm oportunizado, talvez pela primeira vez na história, que as novas gerações vivenciem as constantes transformações e presenciem o surgimento de aparelhos cada vez mais sofisticados, num curto espaço de tempo. E assim caminha o processo de desenvolvimento das tecnologias móveis, cada vez mais modernas, minúsculas e potentes, cujas mudanças variam desde o tamanho (os primeiros aparelhos de telefonia móvel chegavam a pesar cerca de 1kg!) às interfaces sensíveis ao toque.

Paulatinamente, dispositivos deixam de ser analógicos para se tornarem digitais, a esses aparelhos foram incorporados sistemas operacionais que permitem o *download* de aplicativos e tantas outras funções disponíveis mediante a conectividade e ao alcance de um deslizar de dedo nas telas *touch screen* ou, em alguns casos, ao movimento dos olhos<sup>1</sup>, potencializando mudanças nas aprendizagens, que ampliam e sedimentam as relações sociais. Jenkins, Green e Ford (2018) chamaram de “cultura da conexão” as novas práticas culturais, políticas e lógicas que se favorecem e se popularizam em torno das plataformas.

Parece que a lógica das relações humanas e seus constructos advindos desses movimentos também seguem neste ritmo: aqui, mais do que nunca, a “pedagogia das conexões” (COUTO, 2014) se instaura e acaba fomentando, além da amplificação de informações, novos aprendizados (muitos ainda desconhecidos) e outra didática que se refere ao construir/socializar saberes. Portanto, corroboramos com Claudino (2013, p. 52), quando diz que essas “[...] movimentações vão gerando múltiplos conflitos e compatibilidades, que, de várias maneiras, vão redesenhando os agrupamentos e gerando um novo modelo de sociedade”.

Não se pode negar que esse novo estado de intensa conexão culminou em novas experiências, comportamentos e, quiçá, em uma ecologia ciberespacial e, conseqüentemente, com os mais distintos objetivos e funcionalidades nos simulacros virtuais, bastante utilizados na formação de profissionais em diversos ramos, como médicos, astronautas, e mais recentemente, na formação de condutores com o apoio de: realidade expandida; comunicação instantânea (aplicativos de envio de mensagem rápida); jogos digitais dos mais diferentes formatos, enredos e objetivos; redes sociais digitais; produção/socialização de saberes (através das inúmeras páginas de escrita colaborativa, *blogs* e uma infinidade de sites de criação); narrativas videográficas e fotográficas; música eletrônica e na materialização das manifestações na arte e na cultura oriundas desse movimento dinâmico da cultura digital, como o *cyberpunk* e *Techno*, entre tantos outros exemplos.

Tais experimentações foram causadas por uma série de fatores, potencializados e ressignificados mediante o estar em rede e em consequência dos discursos textualizados decorrentes do digital como cultura vivida, ocasionando, assim, que a conectividade assumisse um caráter obrigatório, e, conseqüentemente, se tornasse um modo de existir (COUTO, 2015). Longe do fetiche da tecnologia oportunizado por essas mudanças (NOVAES, 2010) – sobretudo aquelas oriundas do desenvolvimento das tecnologias digitais, aproximamo-nos do discurso de

---

<sup>1</sup> Não é novidade para os usuários de smartphones a possibilidade de mover a tela mediante o movimento dos olhos, virar páginas – quando da leitura de livros – e a tela permanecer ligada, através do sensor que capta o olhar.

Castells (1999, p. 44) de que “[...] a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico”.

As tecnologias se configuram como marcas históricas e culturais das sociedades ao longo do seu processo de desenvolvimento e delineiam novos comportamentos como os já citados, bem como os comportamentos leitores ocasionados pela imersão na cultura digital e fortalecida pela cultura da mobilidade, como se pode observar com a ascensão dos dispositivos *e-readers*. Tais recursos são suportes para realizar a leitura de *e-books*. Segundo Ferreira, Miranda e Moras (2018), os *e-books* ou livros eletrônicos existem há mais de 20 anos e vêm se tornando cada vez mais uma opção viável e atraente de cultura e entretenimento.

Nesse novo cenário, os *e-books* podem auxiliar o leitor que dispõe de menos tempo a ter a comodidade de comprar o seu livro sem sair de casa, lê-lo em qualquer lugar com seu dispositivo móvel e ainda possibilita carregar para todos os cantos a sua biblioteca. Com tanta praticidade e outros diversos aspectos favoráveis (economia de papel, dispositivos exclusivos, distribuição logística facilitada, possibilidade de ampliação e oferta a preços um pouco mais baratos), os *e-books* possuem, ‘tecnicamente’, algumas vantagens em relação aos livros impressos (FERREIRA; MIRANDA; MORAS, 2018).

Os *e-readers* “Kindle<sup>2</sup>”, “Kobo<sup>3</sup>” e o “Lev<sup>4</sup>” são os mais populares entre os brasileiros, cujas atuais experiências de leitura extrapolam as práticas silenciosas, como as lindamente descritas por Marcel Proust na obra *Em busca do tempo perdido* e deixam de ser algo individual (CHARTIER, 1999, 2011), perpassando pela mudança dos portadores textuais e a possibilidade de publicar, para todos os outros leitores desses suportes, seus gestos de leitura e escrita.

Isso quer dizer que, além de novos modos de ler e escrever mediante as possibilidades ofertadas pelas tecnologias digitais, estas oportunizam outras formas de ser/estar no mundo: mostrar-se, estar em evidência, publicizar o que outrora era praticado nos recônditos silenciosos e privados da intimidade (SIBÍLIA, 2006).

Nesse sentido, mesmo os resultados de pesquisas sobre leitura apontando dados minimamente interessantes sobre o perfil de leitor, ainda há a supervalorização do impresso em detrimento do digital, fazendo-se necessário, portanto, repensar a ideia da história da cultura como substituição de umas tecnologias por outras, ao invés de se questionar sobre sua coexistência (CANCLINI, 2014). Adicionando mais problematização a esse aspecto, há indícios de que o crescimento do mercado de *e-books* no Brasil não tem se comportado de modo exponencial e consistente. A participação dos *e-books* no total faturado pelas principais editoras do Brasil ainda permanece pequena, conforme o Censo do Livro Digital (2017).

Isso posto, mesmo em face das ululantes modificações anteriormente sinalizadas – que perpassam por técnicas e tecnologias – quando se refere às práticas de leitura, ainda se percebe um maniqueísmo relacionado ao livro digital e ao impresso. Muitas discussões foram travadas e especulações forjadas acerca da possibilidade do fim do livro impresso ‘em detrimento da Internet’. Por crermos se tratar de um tema obsoleto – dada a amplitude de pesquisas já realizadas – e pela nossa própria visão de que uma cultura não se sobrepuja a outra, pelo contrário, aglutina-se, investimos esforços em discutir as práticas e perfis de leitura que são forjados pela apropriação dos *e-readers* enquanto suportes de leitura.

Dessa maneira, não nos interessou analisar o binômio “impresso x digital” e vislumbramos a profecia apocalíptica que amedrontava os adoradores do livro impresso sobre sua extinção como um mero boato publicizado por aqueles que supervalorizavam o livro-objeto ao invés da prática da leitura. É nessa perspectiva que destacamos a reflexão lúcida de

<sup>2</sup> C.f. [https://www.amazon.com.br/dp/B0186FEYKW/ref=nav\\_kdvcs](https://www.amazon.com.br/dp/B0186FEYKW/ref=nav_kdvcs). Acesso em: 10 jun. 2019.

<sup>3</sup> C.f.: <http://www.livriacultura.com.br/kobo>. Acesso em: 10 jun. 2019.

<sup>4</sup> C.f.: <http://www.saraiva.com.br/lev>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Prado (2016, p. 36) quando reflete sobre as ‘pseudo’ perdas da era digital e da contemporaneidade, e sobre elas formula o seguinte questionamento:

Embora um aedo nos moldes daqueles que disseminavam as epopeias homéricas não tenha mais espaço (a menos que pensemos em uma situação artificial), as epopeias em si continuam presentes e atuantes em nossa cultura. E não seriam elas o fim, cujo meio era o aedo, que deveríamos preservar?”

Nessa perspectiva, concordamos com essa ponderação no sentido de que precisamos, no que tange às práticas leitoras na cultura digital, preservar a epopeia e não o aedo.

Assim, conforme a pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* (2016), os participantes quando questionados sobre o que fazem no tempo livre, das 10 opções, quatro confirmam esse novo desenho do leitor/escritor na contemporaneidade, que vai além das páginas impressas: 47% usam a Internet; 43% usam o WhatsApp; 35%, o Facebook, Twitter e Instagram; e 24% leem livros digitais.

Outro aspecto que merece atenção: 42% dos entrevistados, em *Retratos de Leitura no Brasil* (2016), leem livros digitais no transporte, o que confirma a apropriação das tecnologias móveis e seus aplicativos à prática da leitura em seu cotidiano, e consolida uma discussão pertinente, delineando que ler, na cultura digital, acontece numa dinâmica hipertextual e se configura num processo de aprendizagem rizomático e não mais solitário. Tudo isso em meio aos caminhos das diversificadas redes.

### 3 Trajetórias Metodológicas

Com vistas a contribuir com a ampliação das discussões acadêmicas para a área das práticas de leitura em interface com as tecnologias móveis, a abordagem qualitativa foi escolhida, tendo em vista que “[...] concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, quando atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013, p. 97). Portanto, essa pesquisa é, por natureza, qualitativa e descritiva. Adotamos como abordagem metodológica o estudo de caso etnográfico, que foi ancorado nas características que Hine (2005) aponta para a etnografia virtual.

Dessa forma, configura-se numa análise descritiva oriunda da investigação do campo da cultura, dos espaços e arquiteturas *online*, com técnicas e instrumentos metodologicamente elencados, a fim de angariar elementos que ajudem a compreender o objeto estudado. Isso porque, ao procedermos dessa maneira, concordamos com Halavais (2011, p. 13) quando afirma que a rede *online* “[...] constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar”.

Assim, como instrumento de construção das informações, foi elaborado um formulário com questões abertas e de múltipla escolha, criado a partir da ferramenta *GoogleDocs*<sup>5</sup>, a fim de que os colaboradores da pesquisa, de forma anônima, respondessem as perguntas. Quanto ao critério de escolha para a participação na pesquisa, este consistiu, exclusivamente, no fato de que fossem leitores usuários dispositivos móveis, especificamente os leitores digitais – *e-readers*. Por fim, com vistas a convidar os colaboradores para esta pesquisa, enviamos convites nos grupos do Facebook “Kindle – Brasil”<sup>6</sup>, “Lev – Saraiva”<sup>7</sup> e na comunidade do “Google+ ‘Kindle Brasil’<sup>8</sup>”, além de enviar o formulário *on-line* para as nossas listas de *e-mail* e no nosso perfil particular no Facebook, Twitter e Google+.

---

<sup>5</sup> C.f. <https://www.google.com/docs/about/>.

<sup>6</sup> C.f. <https://www.facebook.com/groups/kindlebrasil/>. Acesso em 15 jan.2019.

<sup>7</sup> C.f. <https://www.facebook.com/groups/1526451197642438/?fref=ts>. Acesso em 15 jan.2019.

<sup>8</sup> C.f. <https://plus.google.com/u/0/communities/115631079555353635818>. Acesso em 15 jan.2019.



## 4 Achados da Pesquisa

Sendo a pesquisa uma atividade carregada de intencionalidade e planejamento, é importante ressaltar a pertinência de, ao ingressar nessa tarefa, o pesquisador ter bastante claro o caminho a ser trilhado, bem como bastante claros os procedimentos e instrumentos dos quais vai se utilizar, a fim de angariar as informações que procura.

Nessa perspectiva, tendo sido socializado o questionário construído para a pesquisa e respondido por colaboradores que atendessem ao perfil desejado, isto é, leitores que fazem uso de leitores digitais, chegamos ao número de 155 indivíduos alcançados, dos quais 64 (41.3%) do sexo masculino e 91 (58.7%) do sexo feminino, confirmando o que as pesquisas anteriores já haviam descoberto: as mulheres leem bem mais que os homens em todas as faixas etárias (RETRATOS..., 2016; CENSO, 2017).

Desse universo, chama a atenção a idade desses leitores: a maioria está entre 21 a 30 anos (67/43.2%), seguido por 43 indivíduos (27.7%) entre 31 a 40 anos, 15 sujeitos leitores na faixa etária de 15 a 20 anos (9.7%), 13.5% (21 indivíduos) com a idade entre 41 e 50 anos e 9 (5.8%) a partir de 51 anos. Esses dados corroboram com a 4ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, a qual mostrou que a média de idade do leitor se encontra em 35 anos.

Uma associação que pode ser feita mediante a comparação entre a faixa etária dos colaboradores dessa pesquisa e a formação acadêmica é o fato de que os leitores de *e-readers*, em sua maioria, possuem graus de escolaridade bastante diferenciados da população brasileira, em geral. Desses, 63 (40.6%) possuem diploma de graduação, 38 (24.5%) são certificados na pós-graduação *lato senso* e 30 indivíduos (19.4%) possuem diplomas de pós-graduação em nível de Mestrado ou Doutorado. O restante fica dividido da seguinte maneira: 16 indivíduos cursando o Ensino Médio (10.3%) e 8 estão em cursos tecnológicos de nível superior, totalizando 5.2%.

Quando se observa o perfil consumidor em relação à aquisição do *e-reader*, no que concerne ao modelo utilizado pelos leitores, 110 entrevistados possuem um Kindle, o que corresponde a 72.4%. Os modelos Kobo, Lev e Sony aparecem com nove (5.9%), oito (5.3%) e cinco (3.3%), respectivamente, e 20 leitores, 13.2% dos entrevistados, fazem uso de outras tecnologias móveis para a leitura, como *tablets* e *smartphones*, sinalizando, pois, novos comportamentos leitores oriundos da imersão na cultura digital.

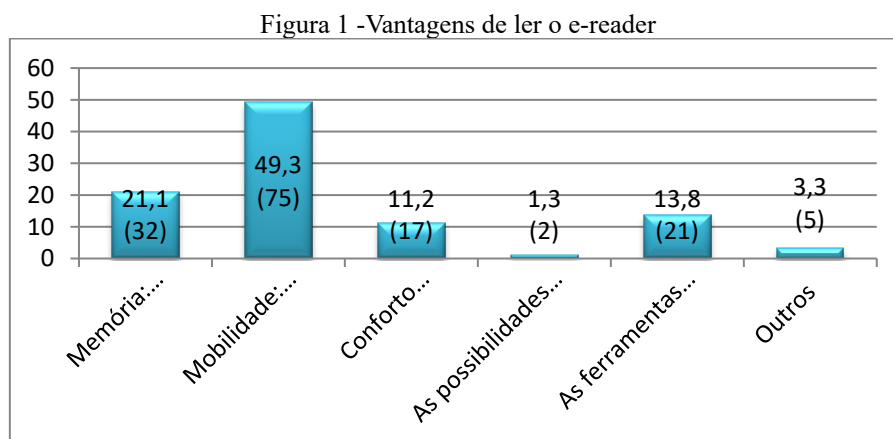
Isso posto, como já afirmado na primeira seção deste trabalho, a cultura digital contribui para o delineamento de novos comportamentos leitores (JENKINS, GREEN E FORD, 2018), no que tange tanto às formas variadas de ler, como aos suportes em que essa leitura se realiza e até sobre a visão que se constrói em torno dos leitores digitais. No trabalho de Gabriel da Silva (2014) se verifica que leitores de *e-readers* se beneficiam das capacidades sociotécnicas e de interatividade dos aparelhos, de modo que essas características (também) contribuem para a qualificação da leitura, considerando as potencialidades que o hipertexto assume quando da leitura em rede (STUMPF, 2013).

Dantas (2011) endossa que esse comportamento leitor perpassa, igualmente, pela própria compreensão do leitor digital enquanto suporte de leitura, ou seja, para a autora, quando os leitores se deparam com o livro digital no *e-reader*; a sua concepção extrapola, uma vez não se tratar tão-somente da digitalização de um texto. Logo, essas novas compreensões - de leitura, de sujeito leitor, de ampliação das práticas de leitura mediante a incorporação do *e-reader* na cultura leitora dos indivíduos - reverbera de maneira considerável no consumo de livros: 40.6% dos entrevistados leem acima de 15 livros por ano, quase quatro vezes a mais do que a média de leitura pela população brasileira, que é de 4,96 livros (FAILLA, 2016). Desse contingente, 69.7% dos leitores buscam nos *e-readers* deleite, fruição e entretenimento; 18.7% leem a fim de angariar conhecimentos para uso no trabalho, escola/faculdade; 7.1% leem somente para se

informar e 4.5% procuram outros objetivos de leitura, não mencionados no questionário.

Embora as versões mais conhecidas dos leitores digitais sejam relativamente jovens – o Kindle foi criado pela Amazon, em 2007, e chegou ao Brasil em 2009 – uma “máquina de ler” - denominada pelo Vannevar Bush de “Memex”, que foi criada em 1945, óbvio que bem diferente da avançada tecnologia utilizada pelos *e-readers* atuais, mas com o objetivo preservado: ler. Isso sinaliza o tempo de uso dos referidos aparelhos pelos entrevistados: 58.7% (91) possuem o leitor digital entre 1 e 5 anos; 31% (48) até um ano e acima de cinco anos, 10.3% (16).

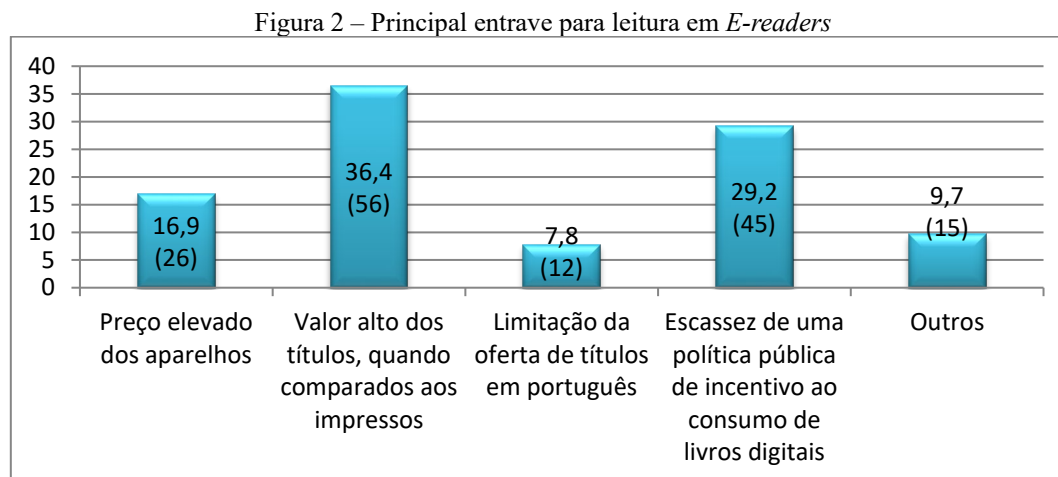
Ao serem questionados sobre as vantagens da leitura no *e-reader*, os entrevistados apresentaram respostas interessantes, conforme se vislumbra no gráfico abaixo:



Fonte: Autoria própria – dados do estudo (2020).

Parece que a rapidez do mundo moderno tenciona a necessidade de se adaptar à correria, alcançar o máximo possível de informações e deleite, mas com um objeto que seja mais compacto e leve do que um livro impresso. Os dados acima apresentados suscitam questionamentos que dão pistas para outras pesquisas: será que os sujeitos focam apenas no binômio mobilidade  $\times$  capacidade de armazenamento? Os *e-readers* se configuram apenas como um suporte potente de repositório de livros? Tendo em vista as características dos dispositivos (conforto da tela, hipertextualidade e interatividade com outros leitores), o uso sinaliza a prática de leitura semelhante à dos livros impressos, cujo foco reside apenas na estrutura física do objeto/aparelho? Parece ser necessário, pois, debruçar-se sobre esse recorte e avançar em outras frentes de pesquisa.

Em contrapartida, ao serem questionados acerca do principal entrave da leitura em *e-readers*, obteve-se a seguinte imagem:



Fonte: Dados do estudo (2020).

Por se tratar de um bem não rival – aquele cujo consumo não reduz a quantidade do produto – o livro digital ainda se configura com um preço elevado, quando comparado ao impresso, conforme sinalizado por 36.4% dos entrevistados, o que não se justifica. Esse aspecto é ainda mais notório no Brasil onde é possível identificar, por exemplo, em plataformas como a Amazon.br, preços muito similares entre os preços de compra entre o livro impresso (capa comum) e o mesmo em formato *e-book*.

Quando se avalia os dados acima sob o viés do consumo de livros digitais, os resultados se aproximam do papel da escola como instituição legitimadora de bens literários (MACHADO, 2006), na qual o grande problema dessa autoridade é, sem dúvida, o maniqueísmo do qual lhe advém: a marginalização daquilo que não legitima, portanto, a não leitura. Soma-se a isso a total inexistência, no Brasil, de políticas públicas<sup>9</sup> de incentivo à leitura que concebam o digital como fonte de deleite, prazer e busca de informações, bem como os preços ainda amargos de algumas obras em formato digital, como sublinham 29.2% dos entrevistados. Acresce-se, pois, a esse entrave, o fato de nos últimos dois anos o Brasil estar vivendo uma profunda crise político-econômica que diminuiu de maneira consubstancial o poder de compra do brasileiro, conforme apresentada na última versão do Relatório Global eBook (2017).

Mesmo diante da insatisfação apresentada pelos sujeitos desta pesquisa, 50.3% compram menos livros impressos e mais livros digitais, 27.7% (43) seguem comprando a mesma quantidade de livros impressos e 21.9% (34) deixaram de comprá-los. Isso sinaliza, de certa maneira, que quando um artefato é incorporado às práticas cotidianas do sujeito, como no caso dos leitores desta pesquisa, as formas advindas dessa incorporação vão se delineando, também. Nesse caso, o Brasil desponta na 10<sup>a</sup> posição no que tange ao consumo de livros digitais no mundo (SPINAK, 2016).

Por fim, a fim de que os participantes deste estudo emitissem sua opinião com brechas ao juízo de valor, foi pedido que avaliassem a experiência de leitura a partir da aquisição do leitor digital. O resultado, pois: “Insatisfatória” para 0.6% (1), “Parcialmente satisfatória” para 9% (14) e quase a totalidade dos colaboradores da pesquisa classificam a experiência como “Satisfatória”: 90.3% (140).

O leitor na *web* não lê da mesma forma que o leitor de livros ou revistas de papel. O leitor-navegador tem o mundo ao alcance dos seus dedos. Basta o texto tornar-se monótono para que o leitor se dirija a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar (ALMEIDA, 2003). Observamos que a leitura acontece cada vez mais no ambiente *on-line* e os *e-readers* têm um papel interessante no contexto de transformação digital que a sociedade submerge.

## 5 Considerações finais

A cultura digital não apenas transformou a maneira de se relacionar, como também a forma de produzir conhecimento, horizontalizando, assim, as possibilidades de ser ouvido/lido/visto. A rede das redes, agora, possibilita a explicitação de pensamentos, (re)construção de autorias e subjetividades, publicação de livros, artigos, imagens, músicas e, conseqüentemente, toda uma gama de gêneros digitais. A linguagem digital passa a ser a linguagem da contemporaneidade, com todos os seus fluxos e rizomas e o conhecimento é descentralizado e à vista de qualquer pessoa que se conecte.

Assim, a cultura digital vem interferindo no modo como os sujeitos consomem, produzem, disseminam e se relacionam com os bens culturais. A digitalização, potencializada pela conexão em rede – um dos parâmetros para estruturar as relações humanas e os modos de ser e de estar nas sociedades conectadas –, diminui espaços e aglutina papéis, gerando um movimento de fusão nos processos de produção do conhecimento, das artes e da cultura. Desse

<sup>9</sup> A própria “Lei do Livro” dá margens a dúvidas interpretações sobre o conceito de livro. C.f: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.753.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm). Acesso em: 02 dez. 2019.



modo, ela emerge, oferecendo novos suportes e espaços também para a leitura e gera novos comportamentos leitores.

A era das conectividades é também a era das leituras móveis. Estas, com seus leitores ubíquos e remotos, com novos modos de ler e compartilhar experiências de leituras em telas. Somos cada vez mais ambulantes, seres moventes em ambientes físicos e informacionais. Em outras palavras, construímos e vivemos de conexões e de experiências interconectáveis. É nesse contexto que essas interfaces de leituras em telas ganham potência, e apontam perfis cognitivos dos sujeitos.

Sem dúvida alguma, isso também se deve ao fator de incorporação da sociedade às novas formas de arquitetura advindas da cultura digital, sobretudo pela Web 2.0, em que o sujeito deixa de ser apenas consumidor de informações e assume o papel de protagonista: elabora estratégias de produção e socialização de informações, interage nos mais distintos espaços, compactua com uma série de sujeitos e atmosferas e experimenta a ampliação da mobilidade, intensificada pela imersão na cibercultura. Sociabilidades outras também foram surgindo e laços estreitados, mediante a incursão dos sujeitos nas esferas ciberespaciais.

Esta pesquisa buscou, na sua gênese, compreender a construção dos perfis de sujeitos leitores que utilizam os leitores digitais ou *e-readers* como suportes de leitura. A partir da análise dos dados, à guisa das teorias que fundamentaram esta pesquisa, foi possível perceber que esses sujeitos leitores estão acima da média do leitor brasileiro, quer seja em relação ao grau de instrução, que sugestiona a um maior poder aquisitivo, quer seja em relação à idade. A maioria pertence ao sexo feminino e a fruição e o prazer são os principais objetivos desses leitores.

Por fim, defende-se a ideia de que a cultura digital e a cultura da mobilidade delineiam novos comportamentos leitores, que são materializados, outrossim, por práticas de leitura que se utilizam dos dispositivos móveis, sobretudo dos *e-readers*, como suporte hipertextuais, contribuindo fortemente para o nascimento de novos perfis de leitores. Assim, a crescente popularidade das tecnologias móveis nas vidas dos sujeitos também contribui para renovar experiências de leituras e escritas. Essas experiências, como apontaram as informações produzidas nesta pesquisa, despertam entusiasmos pelo seu caráter coletivo. Ler e escrever deixam de ser ações solitárias e passam a ser compartilhadas em rede. São experiências nas quais as pessoas participam, narram e comentam suas práticas leitoras e escritoras.

## Referências

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor-navegador. In.: SILVA, Ezequiel Theodoro da *et al.* (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista FAEEBA: educação e contemporaneidade**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I, vol.22, n.40, jul/dez 2013, p. 95-104. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/753/526>. Acesso em 20 nov. 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. Quanto ou como se lê? Refazer as perguntas. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. n.17 (ago./dez.2014). São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 169-177. Disponível em: [http://d3nvljy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17\\_BOOK-PDF-final.pdf](http://d3nvljy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf). Acesso em: 20 ago. 2019.

CENSO do Livro Digital. 2017. Disponível em: <http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Apresentacao-Censo-do-Livro-Digital.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

COUTO, Edvaldo Souza et al. Da cultura de massa às interfaces na era digital. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 13, n. 14, 2009. Disponível em: [www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/download/3216/2657](http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/download/3216/2657). Acesso em: 30 jul. 2019.

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C. et al. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [on-line]**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 47-65. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-04.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2019.

COUTO, Edvaldo Souza. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. **Revista Em Aberto**. Brasília. v. 28, n. 94, p.51-61, jul/dez 2015. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1668/1639>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit**. Porto Alegre: Artmed. 2001.

CLAUDINO, Osmundo Rocha. Educar na Sociedade da Informação. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**, v.21, n.2. p.49-72, jul/dez 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3437> . Acesso em: 15.08.2019.

DANTAS, Taísa Rodrigues. **Letras electrónicas: uma reflexão sobre os livros digitais**. Lisboa: Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18917/1/dissertacao\\_taisadantasComcapa.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18917/1/dissertacao_taisadantasComcapa.pdf). Acesso em: 17.12.2019.

FAILLA, Zoara. **Retratos de Leitura no Brasil: 4ª. Edição**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf) Acesso em: 20.12.2019.

FERREIRA, Fernando Coelho Martins; MIRANDA, Luis Fernando Moreira; MORAS, Monique. Impacto dos e-books na cadeia editorial brasileira: uma análise exploratória. **Rev. adm. empres.** São Paulo , v. 58, n. 5, p. 494-505, Sept. 2018. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902018000500494&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902018000500494&lng=en&nrm=iso). access on 27.03.2020. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020180505>.

HALAVAIS, Alexander. Prefacio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. In: HINE, Christine (Org.). **Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet**. Oxford: Berg, 2005. Disponível em: <https://www.sfu.ca/cmns/courses/2012/801/1-Readings/Hine%20Internet%20Research.pdf>. Acesso em 15.07.2019.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. **Sociologia da leitura**. Trad. de Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. **Uma questão de gosto**. In: Revista da Faced, no. 10. 2006, p.97-112. Disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/2708/1918>. Acesso em 28.01.2019.

NOVAES, H. T. **O fetiche da tecnologia**: a experiência da fabricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PRADO, Márcio Roberto do. Faces da literatura contemporânea: o caso da poesia viral.

**Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 19-47, 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Gabriel Cardoso Gomes da. **Capacidades interativas dos dispositivos de leitura de livros digitais**. In: Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Edição Temática: Tecnologia Aplicada Vol. 4 no 3 – Outubro de 2014, São Paulo: Centro Universitário Senac. Disponível em:

<http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/index.php/capacidades-interativas-dos-dispositivos-de-leitura-de-livros-digitais/> Acesso em 18.01.2019.

SPINAK, E. Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte I: A publicação – impressa e digital – no contexto mundial [*on-line*]. **SciELO em Perspectiva**, 2016.

Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-impressa-e-digital-no-contexto-mundial/>. Acesso em 05 jun. 2019.

STUMPF, Alexsandro. **A interação no livro digital em formato epub**: potencialidades da hipermídia em obras histórico-regionais. Santa Catarina: UFSC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106951>. Acesso em: 29 jan. 2019.

VIGNA, Elvira. Literatura e Internet. In: MARTINS, Aracy Alves *et al.* (orgs.). **Livros e Telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

WISCHENBART, R., *et al.* Global eBook: a report on market trends an developments.

**Rüdiger Wischenbart Content and Consulting (RWCC)**. 2017. Disponível em:

<http://www.wischenbart.com/page-4>. Acesso em 15 jul. 2017.